

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — J. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — ERNESTO BIESTER. — FRANCISCO GOMES D'AMORIM. — FRANCISCO PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO. — CARLOS JOSE CALDEIRA.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA : — Anno 3\$600 rs. — Semestre 1\$920 rs. — Trimestre 1\$000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 16. — SABBADO, 19 DE ABRIL DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — ANNO 4\$000 — Semestre 2\$100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5\$000.

SUMMARIO.

Jorge, romance (continuação). — Critica litteraria. — Ginnes do passado. — O tenente general Liprandi. — Incendio do bazaar em Macau. — Exterior da nova sala de baile, no palacio de Buckingham. — A torre de Belem. — Scenas e typos militares. — A collecção «Gesta Romanorum». — Chronica Semanal. — Illuminação do palacio do consul brasileiro em Macau. — Bibliographia. GRAVURAS — A Torre de Belem — O tenente general Liprandi. — Illuminação do palacio do consul brasileiro em Macau, pela elevação do sr. D. Pedro v. ao throno de Portugal — Incendio do bazaar em Macau. — Nova sala do palacio de Buckingham.

JORGE.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

VIII

(Continuação.)

Sir William, e sua filha estes são já nossos antigos conhecidos; agora penetremos n'uma pequena sala elegantemente mobilada, e façamos, se nos convier, conhecimento com as pessoas que se acham ali.

Em volta de uma meza lendo os jornaes, folheando os *albums*, quatro ou cinco senhoras, e um numero equivalente de homens se acham reunidos. De quinze a vinte annos ellas, de vinte a trinta elles. Os homens não nos interessam pela sua phisionomia, e as senhoras apesar de bonitas não devem ter relação com a nossa historia, deixemos os pois, e vamos até o vão de uma janella que deita sobre o *parque*, e vejamos se uma personagem que está fallando animadamente com Sir William nos interessa mais; de facto, achamos algum que deve representar um papel importante no decurso deste livro. Apressemos-nos em travar relações com elle.

Sir James Sterling era um homem, que não devia ter mais de 45 a 46 annos, posto que á primeira vista aparentasse maior idade.

Era alto, e a sua figura esbelta tinha um ar de distincção, e magestade que infundiam respeito. Os cabellos totalmente brancos, e um tanto raros, deixavam mais a descoberto a testa baulada, e dividida por uma ruga profunda.

Os olhos azues escuros tinham um brilho constante, porem moderado que denuncia o perenne

imaginar. No primeiro aspecto parecia que o sopro das paixões tinha para sempre deixado tranquillo o espirito; contudo o observador attencioso e intelligente, veria por vezes, ainda que raras, faiscar nas pupilas um relampago, que denunciava não estarem de todo extinctas as sensações juvenis.

A boca fina alegrava-se de um sorriso intelligente, e affectuoso.

Homem da mais ellevada sociedade, quanto a educação pode juntar ao talento natural, tudo possuia.

Apenas saído do collegio abraçara a vida do mar apesar de possuir avultados rendimentos.

A marinha ingleza contava-o por um dos seus mais bravos, e entendidos marinheiros.

Relações de infancia, e da mais estreita amizade ligavam este homem a Sir William. E em breve relações de parentesco os deviam unir.

Sir James, era o promettido noivo de Georgina. Ella sabia-o, não porque elle lhe houvesse jamais demonstrado outro affecto, que não fosse o da amizade mais sincera e provada, mas porque seu pae lho havia annuciado como ultimo, e ardente desejo que sua mãe manifestara.

Notavel e fatal coincidência! O mesmo acontecia a Jorge. Recordava-se o leitor daquelle instante em que o man-

cebo penetrou no quarto de sua mãe, em que a porta se fechou sobre elle, e sobre a moribunda, em que a confidencia foi longa — Pois nesse instante tremendo, e doloroso para elle jurava a sua mãe pela cruz do redemptor que estava alli, proxima a receber o seu suspiro extremo, que havia de esposar *Carlota*, a innocente e graciossa criança que vimos no principio desta narração saltar ao pescoço de Jorge, naquella casa de campo de Bemfica.

Deveres sagrados separavam para sempre aquelles dois entes — o mancebo, e Georgina — e a mão irremissivel do destino impellia-os um para o outro pelas afinidades irresistiveis do coração. Qual era o futuro que os esperava? É o que o leitor verá para o diante se tiver a condescendencia de nos acompanhar nas peripecias deste drama, que á falta de todo outro merecimento tem o de ser verdadeiro.

Chegou a noite, estavam todos reunidos na sala; Georgina aproximou-se da sua harpa e começou a tocar.

Depois das primeiras notas escutou-se a sua voz celeste, entoando uma canção escocesa.

As letras estavam em harmonia com a situação de Jorge. Georgina proferindo as estrophes que se seguem, fitou os olhos no mancebo com uma tal expressão de sentimento que parecia adivinhar a sua historia.

O pensamento era pouco ou menos o seguinte:

Depois do mar n'amplidão,
À frôxa luz das estrellas
Mandando largar as vellas,
À propicia viração...

— Na pópa do teu navio
Largas horas encostado,
Com saudades do passado
Não te corre o pranto em fie?

— Saudades do lar amigo,
D'esse lar risonho outr'ora
E aonde eu só vivo agora,
Sem amparo, nem abrigo.

Jorge quiz de balde conter as lagrimas, levantou-se *bruscamente*, e foi para uma das janellas que estavam abertas.

A imagem de sua mãe, de sua irmã, aquella casa que o tinha visto nascer, as scenas emfim da sua descuída e innocente infancia, vieram-lhe ao espirito saudosas, e queridas como a voz d'aquelle anjo que sem o saber, resumia parte da sua historia n'alguns versos melancolicos.

N'esse instante parecia-lhe ver a phisionomia de sua mãe alagando-se de lagrimas, e rogando ao ceu que perdoasse a seu filho



Torre de Belem.

as loucuras de uma vida desordenada, cuidava ter diante dos olhos o rosto angelico de sua irmã, a figura ingenua de Carlota, o lar paterno que elle havia devastado, e abandonado como o filho prodigo da escriptura.

Georgina com o maravilhoso instincto da mulher que ama, adivinhára que existia na vida do mancebo o quer que fosse de angustioso e terrível. Desde essa noite, o interesse pelo homem a quem devia a vida de seu pae, augmentou se é possível. Durante alguns dias palavras entrecortadas, e o olhar que se trocava, foram os unicos interpretes dos sentimentos que lhe tumultuavam na alma.

Ambos reconheciam que a perdição e a morte estava n'aquelle amor, que em silencio os devorava, e ambos se achavam sem força de lhe fugir.

Um dia Georgina e o mancebo encontraram-se completamente sós no *parque*, ao declinar de uma bella tarde. Jorge depois de haver proferido algumas palavras que descobriam a meio a sua penosa situação, caíra em profundo abatimento, e permanecia com os olhos fitos na corrente de um riacho, que derivava por entre a relva basta e florida.

A physionomia da joven ingleza revelava n'esse instante a duvida e o receio. Os labios conservavam-se mudos, e um certo tremor vinha agital-os de instante a instante, como o primeiro fremito da briza, nuncia da procella que vac rebentar em breve, prepassando por entre as balsas, faz estremecer as petalas coradas da rosa agreste.

As ultimas palavras de Jorge, a expressão de amargura que assumira o seu rosto, o negro mysterio que parecia existir na vida d'aquelle homem, e sobre tudo um presentimento, um fatal presentimento que de subito assaltára a sua alma, haviam-na momentaneamente gelado de terror e de angustia.

— Jorge rompeu finalmente o silencio.

— Falle Georgina, diga-me seja o que fór que me arranque d'este estado. — Vejo que a affligi, que as palavras que não tive força de reprimir ha pouco, a perturbaram, e entristeceram — não se recorde mais d'ellas, e jure Georgina, jure que tem por mim a santa affeição de irmã — basta-me essa certeza para ser feliz, não quero nada mais, nem posso esperar mais nada.

— Amisade?! immensa, immensa, não tenho outra palavra para lh'o poder expressar disse Georgina cravando os olhos castos no chão, e illudindo assim a voz da consciencia que lhe acusava n'esse instante outro sentimento bem diverso.

— Oh! adoravel illusão, passageiro mas delicioso engano!

Quem pelo menos te não experimentou uma vez na vida!! É assim, é quasi sempre assim que as paixões desordenadas e violentas, tomam imperio no nosso espirito; julgamos viver felizes ao calor da branda chamma que se diz amisade, sem nos lembrar-mos de que um dia, uma hora, no momento menos esperado, se atêa, e convertendo-se em lava nos abraza o seio.

Pobre Jorge! pobre Georgina! Assim cuidavam os dois ser felizes com a certeza da mutua amisade, sem perceberem que não era senão amor, amor intenso e ardente, o que sentiam já um pelo outro.

Mas era mister que se illudissem assim, entre os dois havia um abismo que os separava... Jorge tinha jurado a sua mãe sobre a cruz do Redemptor quasi no instante d'ella exhalar o ultimo suspiro, que havia de esposar Carlota, Georgina, déra palavra a seu pai de casar com sir James Stenteng.

Sem um saber do outro, ambos tinham a certeza de que já mais se poderiam unir.

— Estou melhor, muito melhor, senti desafogar-se-me o coração de um grande pezo, exclamou Jorge, depois das palavras da ingleza. Ha tempos que a minha vida estava deserta de uma affeição santa. Depois da morte de minha mãe, do ultimo adeus de minha irmã, não encontrei n'este mundo, quem me suaviasse tantas dores com o balsa-mo suave da amisade sem limites: achei-o agora Georgina, e como sou feliz, nos seus olhos vejo inteira a verdade do que sente a sua alma, acabaram as duvidas, e os sobresaltos, conto com um coração amigo que perto, ou longe hade bater sempre alvoraçado por mim. A ingleza levada por fascinação magnetica, despregára os olhos do chão, e fitára-os sobre os do mancebo. Transparentes, e serenas as pupillas reflectiam as sensações intimas como o rio bonangoso reflete o lume das estrellas nas noites placidas de verão.

Instantes a sua vista se conservou fixa na do mancebo, depois por um esforço, e como que acordando de sobresalto desviou-a, deixando-a decahir no chão melancholica: por instantes tambem duas lagrimas estremeeceram nas palpebras, porem sumiram-se breve, como se a energia da vontade as fizesse refluir outra vez á sua origem.

A approximação de alguns personagens veio pôr termo a esta scena em que callados aquelles dois entes diziam tanto.

Decorreram alguns dias, em que a mesma etherea felicidade sorria aos dois amantes... Por que não amantes? Se um veu diaffano velava a meio as suas palavras, os olhos descobriam inteira a verdade.

As horas corriam n'aquelle suave extasis, n'aquelle lisongeiro engano da existencia, que val mais do que a realidade por muito boa que seja.

Mas os reflexos do ceu na terra são limitados, e fuga-

zes. Este estado tinha de acabar, devia acabar dentro de pouco.

Jorge via-se obrigado a partir de Londres; os meios commecavam a escacear, e Mauricio tinha tido cuidado de o advertir d'esta pequena miseria, com o frio positivismo que lhe era natural.

Uma ordem do negociante com quem estavam ligados viera intimar-lhes a prompta partida.

Que remedio havia naquella situação? como sustentar por mais tempo os faustos daquella vida? Era forçoso abandonar Inglaterra, por consequente dizer adeus, e talvez para sempre, áquella por quem unicamente o mancebo presava a existencia!

Chegara a vespera da partida Jorge tinha vindo para a sala, onde Georgina se encontrava só. A ingleza preludia n'esse instante a mesma balada escoceza que mais a cima transcrevemos.

Jorge entrara tão devagar, que Georgina não o percebeu. Chegavam as ultimas strophes:

Depois do mar na amplidão
À froxa luz das estrellas
Mandando largar as vellas
À propicia viração;

Na pópa do teu navio
Largas horas assentado
Com saudades do passado
Não te corre o pranto em fio?!

Esta ultima estancia, fora cantada como dizem os francezes, *com lagrimas na voz*. As ultimas notas do acompanhamento vibravam languidas pelos angulos da casa que os derradeiros clarões do dia illuminavam duvidosamente.

Georgina inclinou a cabeça na harpa, e soltou um gemido angustioso; depois Jorge que a contemplava estatico, escutou o soluçar comprimido, e aquelle como susurro das lagrimas que rebentando aos borbotões dos olhos lhe inundavam as faces desbotadas. Oh! quem vendo-a naquella instante banhada em pranto, vestida toda de negro, e pallida como as Madonnas de marmore, não cuidaria ter diante de si o anjo valido do Senhor que descedendo á terra deplora a desgraçada condição do homem!

Continua.

BELRÃO PATO.

MINHA TERRA.

Todos cantam sua terra
Tambem vou cantar a minha,
Nas fracas cordas da lyra
Heide fazel-a rainha;
Heide dar-lhe a realza
N'esse throno de belleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

Correi p'r'as bandas do sul:
Debaixo d'um ceu anil,
Lá vereis esse gigante
Santa-Cruz, hoje Brazil.
É uma terra de amores
Alcatifada de flores,
Onde a briza diz rumores
Nas bellas tardes d'abril.

Tem tantas bellezas, tantas!
A minha terra natal,
Que nem as pinta um poeta
E nem as sonha um mortal;
É uma terra encantada,
Uma plaga abençoada
Do mundo todo invejada,
Que o mundo não tem igual.

Não, não tem, que Deus fadou-a
D'entre todas a primeira:
Deu-lhe seus campos immensos,
Deu-lhe os leques da palmeira,
E a borboleta que adeja
Sobre as flores que ella beija,
Quando a brisa rumoreja
Na folhagem da mangueira.

Deu-lhe um mar com mansas vagas,
Deu-lhe prados, deu-lhe montes,
Deu-lhe rios magestosos,
Deu-lhe regatos e fontes
E deu-lhe virgens formosas
Como o lirio tão mimosas,
E campinas espaçosas
E longiuos horisontes.

Ao lado da cachoeira
Que se despenha fremente,
Do tronco da sapucaia
E do alto cedro frondente
Sobre um sollo d'açucenas
Suspensa a rede de pennas,
Ali nas tardes amenas
Se emballa o indio indolente.

É um paiz magestoso
Essa terra do Tupá,
Desde o Amazonas ao Plata,
Do Rio Grande ao Pará!
Tem serranias gigantes
E tem bosques verdejantes
Que repetem incessantes
Os cantos do sabiá.

Foi ali que n'outro tempo
A sombra do cafeeiro,
Soltava seus doces carmes
O Petrarcha brasileiro;
E a bella que o escutava,
Um sorriso desliza
Para o bardo que pulsava
Seu alaude fagueiro.

Quando Gonzaga e Marilia
Em seus mais doces enleios
Se beijavam com ternura
Arfando da bella os seios;
Da selva o vate inspirado,
O sabiá namorado,
Na laranjeira pousado
Soltava ternos gorgeios.

Foi ali, foi no Ipiranga,
Que com toda a magestade
Pedro — primeiro soltou
O brado da liberdade.
Aquella voz soberana
Soou na plaga indiana
Desde o palacio á choupana,
Desde a floresta á cidade!

Um povo inteiro se ergueu
— Mancebos e anciãos —
Filhos da mesma terra
Todos se deram as mãos;
Foi bello ver esse povo
Em suas glorias tão novo,
Bradando cheio de fogo:
— Portugal! somos irmãos! —

Quando nasci, esse brado
Já não soava na serra
Quando os eccos da montanha
Ao longe diziam — guerra!
Mas não sei o que sentia
Quando o sós eu repetia
Cheio de nobre ousadia
O nome da minha terra.

Se brasileiro nasci,
Brazileiro heide morrer,
Que um filho d'aquellas terras
Nunca soube o que é tremer;
Chora, sim, porque tem prantos,
E são sentidos e santos
Se chora pelos encantos
Que nunca mais hade ver.

Chora, sim, como eu suspiro
Por essa terra que amo,
Pelas palmeiras gigantes
E o canto do gaturamo,
Pelo rio caudaloso,
Pelo prado bem relvoso
E pelo Thié formoso
Saltando de ramo em ramo.

Quiz cantar a minha terra...
Mas não pôde mais a lyra,
Que outro cantor brasileiro
O mesmo canto desfira;
Que o proscripto, o desterrado,
De ternos prantos banhado,
De saudades torturado,
Em vez de cantar, — suspira.

Tem tantas bellezas, tantas!
A minha terra natal,
Que nem as pinta um poeta,
E nem as sonha um mortal!...
É uma terra de amores
Alcatifada de flores,
Onde a brisa em seus rumores
Murmura: — não tens rival —.

Março 15 — 1856.

CASIMIRO ABREU.

CRITICA LITTERARIA.

POEZIAS.

DE

F. H. DE NOVAES, 1 VOL. PORTO 1856.

A critica é o ramo de litteratura, que vai tomando entre nós maior desenvolvimento. O mundo das letras converteu-se n'uma especie de fisco onde os *maisins* da im-

prensa não deixam passar o mais leve *artefacto* sem miuda, e escrupulosa analyse; estes furiosos operadores andam sempre de escarpello na mão á espera que o cadaver caia sobre a meza anatomica; o peor é que as mais das vezes em lugar de descobrirem os musculos, e investigarem a causa do mal, dilaceram os membros da victima, levando carne e osso, de um golpe.

Com o devido respeito pois a esta poderosa falange que disserta na imprensa, e discorre nos *bolequins*, recheiando de eruditas citações o texto de seus discursos, tomamos nós hoje a liberdade de expôr algumas observações sobre o estado em que se acha a poesia em Portugal, antes de fallarmos do livro cuja critica tentamos fazer.

Se nos perguntarem a nossa opinião dila-hemos sinceramente:—Estamos persuadidos que a *poesia* no nosso paiz se acha moribunda, e que não poderá erguer-se tão cedo legando á posteridade documentos que a immortalizem.

Será convicção falsa, porem infelizmente é convicção profunda.

O mal existe, não na falta de talentos intrinsecos, mas na atmospheria que os rodeia. Os espiritos mais frescos gastam-se em breve pela acção corrosiva do scepticismo que lavra profundamente nas veias da sociedade moderna, imperceptível quasi na apparencia, activo e continuado no intimo. Apagados os primeiros ardores da mocidade, extinctas as ficções graciosas da juventude, quadro fantastico cuja visão se desfaz n'um momento, o lado feio, torpe e vulgar d'este mundo apparece aos olhos da alma, que entristecida e resfriada, procura debalde o calor suave que devia fecundar as flores do genio.

Quantos poetas não temos visto nascerem hoje, e deixarem-se morrer de inacção amanhã! Quantos não temos contemplado affogando os accordes melancolicos da sua harpa no prurido das paixões politicas? E apenas de longe em longe um hymno, uma estrophe cortada, uma canção rapida que foge espontaneamente da alma em certas horas de jubilo ou de magoa, e que apparece como envergonhada, e receiosa no meio de um mundo onde tudo lhe é indifferente e alheio?!

Se assim não fosse, o estro de Mendes Leal não teria já produzido um verdadeiro poema da actualidade digno da altura do seu engenho? A veia facil, e graciosa de J. de Lemos, o poeta talvez de mais imaginação que possuímos, limitar-se-hia a composições fugazes?—Teria A. de Serpa abandonado ou esquecido as muzas, para lançar mão da satyra mordaz com que fustiga os mandões?—Palmeirim adormecido no meio de uma espirituosa, e original tentativa do genero de A. de Musset começada ha tres annos debaixo dos melhores auspicios?

A deusa candida, e melancolica, que no principio deste seculo inspirou o divino cantor de *Jocelin*, e das *Harmonias* vive de *crenças*, e estas existem ou podem existir no seio de uma sociedade onde a duvida se traduz por um sorriso ironico nos labios de todos?

A poesia nos nossos dias, como alguém disse, *já se não canta, — conta-se.*

Absorvida no mais completo materialismo, a epocha actual, olha com desdem o culto sagrado da arte, e vive exclusivamente das especulações financeiras, e evoluções economicas. Peor, e mais deploravel cem vezes que o scepticismo descabellado do seculo XVIII, a *indifferença* do seculo XIX conduz os espiritos a apatia tornando-os estereis para as obras da imaginação. Todos sentem e todos comprehendem estas amargas verdades, porem nem todos se acham com a coragem de as manifestar.

Se alguns dos poetas da geração nova houvessem apparecido vinte annos atraz, quando a experiencia dos homens e das coisas não tinham desvirtuado os effeitos de uma revolução que promettia tanto, estouo persuadido que haviam de produzir muito mais, e muito melhor. Quem tem alma de se votar á religião da arte n'uma terra destas?

A musa pode chorar sobre as ruinas de um povo, ferido pelo braço da fatalidade e o seu canto ser uma sublime ellegia, o que não pôde é levantar a voz plangente e sonora, no meio de uma sociedade que vaee esboroando em completa dissolução moral.

Quando ha quatro annos o auctor de D. Branca, dava ao publico um pequeno volume com o titulo de *Fo-lhas Caidas*, o que mais nos surpreendeu nessa admiravel colleção de cantos fugitivos, foi a frescura, e viço de imaginação que respiravam nellas. Foi o poder do genio, que já n'um periodo avançado da existencia com o espirito fatigado de tantas decepções amargas, pode ainda dilatar-se pelos dominios da imaginação colhendo flores mimosas, e perfumadas onde parece que só deviam encontrar-se abrolhos. Mas para este supremo esforço era preciso chamar-se A. Garrett, receber das mãos da providencia o *sopro* que só se apaga com a morte, e que distingue em fim certas e privilegiadas creaturas. Com a alma cortada pelos cruéis desenganos que lhe abreviaram tanto a existencia, teve ainda voz para cantar a vida, as illusões, o amor com a frescura propria dos vinte annos. Estes exemplos são raros; com a idade da prosa os maiores poetas, depõe a harpa esquecida, e abandonada, e a *idade da prosa* pela influencia da epocha em que vivemos entrou mais cedo do que devia em casa dos nossos vates.

O sr. F. X. de Novaes é um poeta conforme com a quadra em que vive; isto é um poeta satyrico. A sua musa em vez de se debulhar em lagrimas, ri-se do mundo fustigando sem piedade as miserias, e os ridiculos da ter-

ra em que existe. Para nós o seu livro tem subido merecimento, e folgamos em saber que a mesma opinião formam delle o publico, e os homens de letras que o tem lido. Ve-se que o auctor é dotado de extrema facilidade, e que a sua musa não tem de se esforçar para descrever os ridiculos mais vulgares, e iminentes. O genero é difficil quando sobe á altura da verdadeira critica, e se converte por conseguinte n'uma obra d'arte. Debaixo deste ponto de vista uma das condições indispensaveis, é a severidade de correção, e essa nem sempre a respeita devidamente o distincto poeta.

Correndo os olhos com interesse pelo volume que teve a amavel delicadeza de nos offerecer, deplorámos ás vezes que a forma fosse descuidada, quando sentiamos que o auctor com estudo e diligencia, poderia tel-a aperfeiçoado. Os epithetos nem sempre são felizes, e sobretudo a escolha do metro por muitas vezes nos pareceu impropria. A *quintilha* tão portugueza, e prestavel para este genero de composições vemol-a ordinariamente despresada, e substituida pelas decimas francezas, que a nosso ver não vão com a indole da lingua, e muito menos em obras d'esta especie. Desejariamos que se aproximasse quanto possivel do grande mestre, do grande modello que possuímos, do immortal Tolentino emfim. Um poeta que copia os uzos, e descreve os ridiculos da gente com que vive, e da terra em que vive, deve ser mais nacional que nenhum outro, e não nos parece que o melhor meio para o conseguir seja adoptar uma forma estrangeira.

Estas observações podem ser deficientes, mas são sinceras, e como taes pedimos ao auctor que as aceite. A amizade que estreitamente nos une ao joven escriptor, não exclue, antes pelo contrario requer a franqueza.

São estas as faltas que notamos no seu livro onde ha tantas composições que denunciam engenho superior.

Antes de terminarmos esta rapida analyse pediremos licença ao leitor para transcrever uma das composições do sr. Novaes que mais nos agradou pela graça, facilidade e extrema comoção.

É a seguinte:

«VERSOS NO ALBUM DE UM AMIGO.»

Amigo Carlos Nogueira,
Pedes um canto da lyra,
A quem apenas lhe tira
Sons de viola chuleira?
Insistes d'essa maneira?
Não sabes que, por desgraça,
Por mais esforços que eu faça
P'ra ser vate, é tudo em vão?
Que p'ra mim mente o rifão
Quem porfia mata caça!

Escrever n'um album! Credo!
Expôr-me á critica austera!
E se um douto me impozer
Pena de longo degredo!?
Nada... nada, tenho medo
D'ir a alguém desagradar;
Não ponho o meu nome a par
Dos que têm estro e sciencia;
Amigo, tem paciencia:
Quem não tem, não pôde dar.

Eu quizera enriquecer-te
O Album com versos meus;
Mas não sei, valha-me Deus...
E tenho d'obedecer-te!...
Em fim, vou satisfazer-te
Como possa, ou mal ou bem;
Comtudo, se os vir alguém
Que d'elles zombe, e de mim,
Defende-me, e diz assim:
Cada qual dá o que tem.

Mas... de brizas rozas, fadas,
D'estrellas, te hei-de eu fallar?
De rolas, conchas do mar,
Feros velhos, trapalhadas?
Rodilhas apontoadas,
Isso não, que é cousa feia;
Mas se não tenho na idéa
Um só pensamento novo,
Seguirei a voz do povo:
Quem não pôde trapaceia.

Se eu tivêra uma donzella
Que a dentuça me mostrasse,
E, por mim, se conservasse
Dia e noite na janella;
Verias então uma — ella!... —
Meigo canto á minha dama;
Que para isso até na cama
Dêra tratos ao miolo,
Embora morresse tôlo:
Morra o homem, fique a fama.

Mas as meninas solteiras
Têm coração d'estalagem,
Onde acham breve hospedagem
Janotas e parvalheiras;
E estas fórmas grosseiras,

Este meu nariz enorme,
Este corpo, tão disforme,
Tudo é mau p'ra namorar;
De mais, quero descançar:
Quem tem amores não dorme.

Se eu fóra político,
D'estes que vão p'ra o Guichard,
Sem dôr o peito rasgar,
Dar á Patria o coração;
Um hymno tecêra então
Excitando a lusa terra!
Bradaria: — guerra! — guerra!...
Eia ávante, a ferro e fogo!...
Mas p'ra que?... diriam logo:
O cão que ladra não ferra.

Se eu, por ser grande inventor,
Por meu saber litterario,
O labéo de plagiario
Me não poderá alguém pôr;
Então armava ao louvor,
Quizera c'rôas de louro;
Mas é baixesa, e desdouro
Figurar com bens alheios...
E d'isto ha volumes cheios...
Nem tudo o que luz é ouro.

Dera-me hoje por contente,
Se em dôce canto, divino,
Á *amizade* alçára um hymno,
Dizendo o que o peito sente;
Mas falta-me a voz cadente,
E na lyra a confiança;
Tenho até perdido a esp'rança,
Que n'outro tempo nutria,
Quando minha avó dizia:
Quem espera, sempre alcança.

Já vês que pela poesia
Não se augmenta esta amizade,
Que já da infancia na idade
O meu ao teu peito unia;
Mas a mutua sympathia
Que em nossos peitos floresce
Seguro penhor off'rece
D'infinita duração;
N'isto não mente o rifão:
Quem bem ama, tarde esquece.

Esta chistosa poesia é bastante para dar uma idéa aproximada da obra áquelles que a não tiverem ainda visto. Sente-se nestes versos, que o seu auctor tem o dom da espontaneidade, e que sem esforço consegue vencer as difficuldades da rima. Por isso nos custa a perdoar-lhe ás vezes certas incorrecções que se vê claramente serem provenientes de falta de esmero.

Confiamos que n'uma nova edição do seu livro estas faltas se hão de emendar, e que juntando o subsidio indispensavel do estudo ao seu natural engenho, o sr. Novaes hade conquistar um logar distincto entre os poetas da geração moderna, cultivando um genero para o qual possne inquestionavel talento.

Abril 8, de 1856.

R. A. DE BULHÃO PATO.

CIUMES DO PASSADO.

Quando o teu rosto adorado
Da luz do amor s'illumina
Resplandecente a meu lado,
Não sabes porque annuviado
O meu semblante s'inclina?...
...

Porque um amargo sorriso
Pelos meus labios desliza,
Quando teus labios, Luiza
Me proferem anhelantes
Tantos protestos d'amor?...
...

É que minh' alma devora
A lembrança do passado,
Em que já outro a teu lado
Escutou essas palavras,
Que me proferes agora
Com tão vehemente ardor!...
...

É que esses convulsos beijos,
Que me perdem de ventura,
Dados com a mesma ternura,
Já perderam de desejos
N'este mundo outro tambem.
...

E tu não sabes, querida
Os zelos que me devoram
Á lembrança que na vida
Já quizeste a mais alguém?
...

BULHÃO PATO.

Antes viver com as furias do inferno, que com mulher nimiamente ciumenta.

O TENENTE GENERAL LIPRANDI.

O nome deste official deve ser muito conhecido dos leitores dos jornaes politicos, porque foi um dos mais activos generaes russos na campanha que felizmente terminou com as decisões do congresso de Paris.

Dos antecedentes factos que o elevaram ao posto de general quasi que nada consta; porém, educado desde a juventude na carreira das armas, tendo subido gradualmente aos cargos superiores da milicia, gozando da confiança do defuncto imperador Nicolau, e da reputação de uma intrepidez inalteravel, e de saber estrategico, não pode questionar-se o seu merecimento, apesar da sorte da guerra.

Quando os russos a travessaram o Pruth em 1854 e invadiram os principados do Danubio, o general Liprandi foi mandado com uma forte divisão para impedir que os turcos occupassem Kalafat, o que não pôde conseguir; a despeito de todos os seus esforços, os turcos apoderaram-se da ilha fronteira a Widdin, e em 17 de outubro entrincheiraram-se em Kalafat, que logo trataram de fortificar mais solidamente. O general russo tentou desalojar-os em um ataque rijo e subitaneo; e viu-se obrigado a retirar-se.

A energia que os turcos desenvolveram convertendo a povoação aberta de Kalafat n'uma posição bem fortificada e de grande importância como ponto strategico convenceu o general Liprandi de que as forças do seu commando não eram sufficientes para fazer frente ao inimigo n'uma linha de batalha que se estendia desde Kalafat até o Pruth. O commando em chefe do 4.º corpo de exercito, a que pertencia a divisão Liprandi, foi confiado ao general Dannenberg sob as ordens superiores do principe Gortschakoff.

Na campanha do Danubio os russos ficaram de peor partido. Achmet-pachá tornou inexpugnável a posição do Kalafat; as batalhas de Citate e Oltenitza provaram aos russos que o antigo valor turco ainda fervia nos corações dos mussulmanos.

Decidida posteriormente por outros motivos de estrategia a evacuação dos principados, incumbiu-se ao general Liprandi a tarefa de cobrir a retirada, de que foi signal o levantamento do memoravel cerco de Silistria em 26 de junho de 1853: o general concentrou as suas tropas na Moldavia, e protegeu a retirada dos russos de um modo que plenamente justificava o bom conceito que o imperador Nicolau delle fazia. Quando as tropas do czar se recolhiam atravessando o Pruth, os turcos a 8 de agosto entravam em Bucharest; e por seu turno evacuaram tambem a capital da Valaquia para darem logar ás columnas austriacas do commando do general Coronini que ali chegaram a 8 de setembro.

Passava a ser a Crimea, pela expedição dos alliados, o theatro activo da guerra; a 4.ª divisão ás ordens do general Liprandi foi a primeira expedida para defender



O tenente general Liprandi.

aquella península; então começou Liprandi, mais do que era pelos seus actos militares precedentes, a ganhar reputação entre as potencias occidentaes adversarias de seu amo. Mostrou-se energico e audaz, e se fosse bem succedido no ataque contra Balaklava, as consequencias seriam irreparaveis talvez para os alliados. O conflicto deu-se no dia 25 de outubro de 1854; as tropas russas estavam em força de 32:000 homens; porém, no campo inglez toma rem-se prevenções, lord Raglan mandára estabelecer reductos nas alturas convenientes, por que o objecto do general russo era interceptar as communicações entre o porto de Balaklava, d'onde aos alliados vinham supprimentos, e as linhas que estes erigiam contra Sebastopol. Abandonados os reductos pelos turcos, avançando a cavallaria russa, protegida por grande força de artilheria, se não fossem as gentilezas do 93 de escocezes ás ordens de sir Colin Campbell e a brilhante carga da cavallaria ingleza, o plano de Liprandi teria vingado.

No decurso da campanha sempre teve commandos subordinados ás operações do general em chefe principe de Gortschakoff, e de ordinario de corpos de observação; não entrou na famosa batalha de Inkermann, porque a sua divisão operava um movimento de diversão sobre a direita das linhas inglezas. Presumia-se que estava reservado para o general Liprandi um commando superior, quando a paz lhe atalhou o ensejo de manifestar os seus talentos militares. M.

INCENDIO DO BAZAR E BAIRRO CHINA ZAREM MACAU.

Da catastrophe do bazar e bairro china e da frequencia dos incendios nas cidades do celeste imperio deu noticia o artigo inserto a paginas 91 deste volume. Só nos resta acrescentar as seguintes palavras de M. r. Callerg, com que termina a sua narração do facto e dos serviços nessa occasião prestados pela marinhagem e officialidade das fragatas francezas *Virginie* e *Constantine*:— « Comtudo, como não ha mal de que não venha algum bem, o incendio de Macau dá ensejo a que as auctoridades portuguezas aproveitem esta triste circumstancia para fazerem cumprir na reedificação as leis de salubridade que obrigam o calor do clima, a agglomeração dos habitantes, e o desaccio inherente aos habitos dos chinas.

EXTERIOR DA NOVA SALA DE BAILE NO PALACIO DE BUCKINGHAM.

A residencia da rainha de Inglaterra em Londres é o palacio de Buckingham situado no parque de S. James. Começado em 1825 tem custado alguns milhões de libras esterlinas. A sua fachada que deita para o jardim occupa consideravel extensão; os aposentos principaes tem vista para os diferentes jardins que são d'um effeito pictoresco. Completou-se por ultimo e como addicionamento ao lado do sul do principal corpo do edificio a nova sala representada na estampa na parte externa; o estylo da architectura

é italiano; tem cinco janellas e aos lados dois corpos salientes sustentados por columnas emparelhadas, e coroados de tropheus nos angulos; a altura da sala externamente é de 50 pes, e o comprimento de mais de 120 pés. O pavimento inferior é destinado a diferentes officinas do serviço domestico; e alguns dos espaços descobertos foram plantados de arbustos de verdura perenne. M.

A TORRE DE BELEM.

Quando elrei D. João II, depois de ferir duas vezes na cabeça a fidalguia portugueza, voltou com mais zelo os seus cuidados para a navegação e os descubrimentos, tractou logo de defender a entrada do Tejo, que nas suas ideias de engrandecimento devia tornar-se em poucos annos um dos portos mais concorridos da Europa, senão o mais frequentado.

O rei popular, o Mestre de Aviz, pelo mesmo motivo tinha levantado na margem esquerda a Torre Velha, d'onde os canhões de bronze podiam varejar qualquer armada inimiga, que se aventurasse temerariamente a devasar as aguas do magestoso rio, em que se banha a capital; e seu neto, verdadeiro filho de Afonso V, nas armas, e emulo na politica de Fernando de catholico, adoptando o pensamento guerreiro do vencedor de Aljubarrota, procurou completal-o por um systema de defessa, que para o

estado da arte militar d'aquelle seculo parecia mais do que sufficiente para fazer arrepender as pezadas naus, ou as caravellas mais ligeiras, que por um rasgo de arrojo se atrevessem a affrontar as quinas hasteadas nos muros de Lisboa, debruçada sobre as extensas praias, que domina.

Para levar a effeito o seu proposito D. João II imaginou a construcção de outra fortaleza, que pouco abaixo da cidade, e situada na margem direita, cruzasse os fogos com as baterias da Torre Velha, fechando assim a passagem ás mais poderosas esquadras; e Garcia de Rezende, o colleccionador do melhor Cancioneiro nosso do seculo xv, o confidente e chronista aulico do monarcha, foi o engenheiro, ou o architecto incumbido de estudar o plano, e de traçar o desenho da obra.

De facto suppõe-se que chegou a formal-o, e a offerecel-o. Mas a fortuna, que ás vezes quer mostrar em tudo sempre os seus caprichos, a fortuna reservou para o seu successor mais este florão, como deixou intacta tambem para elle a gloria, de que Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral, transpondo o cabo das tormentas, e visitando a India e a provincia de Sancta Cruz ornaram a sua coroa, fazendo de Portugal tão pequeno a mais opulenta e poderosa monarchia do seu tempo.

D. Manoel, colhendo maduras e formosas as sementes, que o reinado precedente lançára á terra, foi o herdeiro ditoso das empresas do infante D. Henrique, e

das reflectidas e calculadas tentativas do neto de D. Duarte.

O esplendido monumento do mosteiro dos Jeronymos é o padião erguido á memoria dos primeiros navegadores que sujeitando os mares e as tempestades abriram a nova estrada e a nova epocha; a torre de S. Vicente de Belem, edificada quasi pelo mesmo periodo, e posta no meio das agoas, foi a testemunha muda, mas segura, desse immenso poder naval, cujos braços armados se alongaram até Coa, Malaca, Adem, e Ormuz, ao passo que assestava na Africa occidental as bellicosas tribus dos cavalleiros

ao sopé das muralhas, apar das cruzes da ordem de Christo floretadas, que se veem entalhadas nas ameias, são tudo primores e bellezas, que realça o estylo grandioso e ao mesmo tempo luxuoso da architectura peculiar á quella epocha.

Militarmente considerado, porém, e em presença do adiantamento que alcançou a arma de artilheria, a praça, pouca, ou fraca resistencia poderia apresentar.

Embora as muralhas meçam duas braças de espessura, como são de cantaria, sobriariam alguns tiros para as



terminação do palacio do consul Brazileiro em Macau.



Incendio do bazaar cantuez em Macau

do Islam, e que na Africa oriental cravava os marcos de posse com os braços da monarchia em perto de tres mil legoas de costa!

A torre de Belem, como obra architectonica deve reputar-se um monumento; e a estampa que damos, representa-a como era antes de certos embelesamentos modernos, que a desfiguraram, e que não ousaremos assegurar, que mesmo a esta hora estejam de todo remediados, porque ha golpes que deixam sempre funda e cavada a cicatriz.

Os relevos e bastiões, que ornam a fortaleza construida por D. Manuel, as guaritas enfeitadas de variados labores nos angulos, as ameias corridas entre ellas, o cirodo superior, aonde em tempos recentes se levantou o telegrapho, e o alto azarve sustentado em caxorros de pedra, e com aberturas para de cima se arremessarem pedras, virotes, alcanzias, e panellas de polvora, descobrindo até

derrocar; e para tolher o passo aos vasos de guerra, que fossem a entrada, só a bateria casamatada, usando de ballas vermelhas, offerceria obstaculo mais serio, estando guarnecidas as suas quinze canhoneiras.

O governo da Torre foi sempre reputado como um dos mais honrosos. Apenas rematou a obra, elrei D. Manoel premiou com a capitania d'ella os serviços de Gaspar de Payva, por doação de 25 de setembro de 1521.

Ainda não ha muitos annos, mesmo, que se cobravam n'este ponto propinas de certo valor; cada embarcação, que saía, pagava 3:800 réis, dos quaes 1:600 liquidos cabiam ao governador. Hoje acha-se abolida semelhante peagem.

A Torre de Belem é contemporanea do mais venturoso reinado, que viu Portugal.

Se não tremulavam ainda nas suas ameias as cores do estandarte nacional, quando Vasco da Gama se fez de vela em 1497, nem quando voltava dous annos depois, em 1499, com as naus triumphantes, que romperam além dos mares o caminho da India, assistiu meia erecta já á partida de outras armadas, e a onda, que gemia á raiz dos muros, tinha-se curvado primeiro debaixo da quilha dos galliões, que transportavam ao Oriente Affonso de Albuquerque, Duarte Pacheco e D. Francisco de Almeida.

As armadas que fizeram tremer a Asia, empalidecendo com a verdade as proezas fabulosas das epopeias, correram, vento em pópa, defronte dos seus alicerces; e o navio, que levou o poeta dos 'Lusiadas', cortando as aguas, por mais rapido, que fugisse, não a perdeu de vista, todavia, sem saudade.

Que de grandezas e vicissitudes não teem contemplado silenciosas aquellas muralhas de cantaria, que ouviram a grita e celeuma das galés de D. Sebastião, de voga arrancada para irem sepultar nas areias inhospitas de Alcacer o rei e a monarchia; aquellas baterias que trouxeram pela boca dos seus canhões, festejando a entrada de Philippe II, e que sessenta annos depois tornaram a soltar a sua voz de bronze, saudando a aurora auspiciosa da restauração e da independencia! Em tres seculos e meio, que conta de idade, como os homens e as cousas teem mudado, como se desfizeram em pó os colossos mais temidos, e desapareceram até do mappa do mundo nações inteiras, proclamadas em antigos dias como heroicas e felizes!

A Polonia, Veneza, e tantas outras, vivem só na historia, em quanto o monumento de pedra, sem se inclinar aos tempos, continua a levantar a fronte coroada de ameias, bello pela sua velhice, e venerando pelas suas recordações.

Os povos succumbiram, os reinos dissolveram-se, os sceptros quebraram-se, mas o cimento da fortaleza de D. Manoel, mais rijo, não deixou desabar uma das formosas obras do seu reinado.

L. A. REBELLO NA SILVA.

TYPOS E SCENAS MILITARES.

I

OS ZUAVOS.

I

A guerra do Oriente tornou de tal modo popular esta milicia, que a sua reputação e o seu nome são familiares em toda a parte. A chronica da sua origem, com alguns excerptos da sua aventureira carreira na Odyssea Africana, que os educou, e a noticia dos seus feitos desde as margens do Bosphoro na Epopéa novissima, que tem generalizado a sua illustração, pareceu-nos que havia de attrair e podia interessar o leitor.

Os grandes nomes da antiga Asia e da porção mais ignorada da Europa, esses nomes de mares, de cidades, de provincias, de regiões, incognitas ao vulgo, que parece levantarem-se radiosas das paginas de Thucydides, de Heródoto, do proprio Xenofonte, aos olhos do Occidente popular dormiram seculos, saudados apenas pela mão laboriosa dos sabios. Sobre aquellas paginas mais foram interrogados os vestigios do passado na poeira das gerações do que se procuraram indícios do presente. Vultos indeleneaveis na penumbra de um mundo ignoto, a esses nomes já de outra historia, duas vezes illustres, illustres pelas gloriosas tradições das idades poeticas, illustres pelas peripécias grandiosas do drama coetaneo, realçam est'outros nomes, saídos do consorcio do centro europeu com a Africa, para irem acrescentar a terminologia heroica das margens do Euxino.

Muitas raças passaram ali imprimindo o pé no granito dos recifes aprumados; muitas deixaram uma herança de monumentos nos alcantis das rochas em desafio ás tempestades; muitas se perderam pelas aridas charnecas da steppe sem fim, sepultadas sob a urze brava. Passou ali a tribu nomada do Nogai e do Mongol; passou o Troglodyta e o Sarmata, descendo das montanhas do Ural; passou o Normando e o Wareghe, baixando das serras Scandinavas, dos cimos nevados do Ingolfo-Tell e dos fragedos vulcanicos do Nords-Frieding; passou o Sycambro, passou o Ghetta, refluinto das vertentes dos Alpes, sob o impulso do gladio de Roma; passou o Lombardo e o Genovez das republicas mercantes, attraído pe-

la idéa do lucro; passou o Cruzado, de todas as nações, chamado pelo brado da fé e pela ancia da gloria.

Ao lado das pégadas ou das ruinas de todos estes, passa agora, caracterizado por uma designação nova, já famosa como as antigas, o herdeiro do Franko e do Numida, como outr'ora marchara na orla das legiões de Tito. A população mesclada que se vae formando ás raizes do Atlas envia os seus representantes aos acampamentos da degenerada Callipole e ás gargantas da velha Taurida. Julgareis ter recuado dezoito seculos, se não vos chegasse o ecco retumbante das immensas coronadas, e se não vos descrevessem as innovações da sciencia aperfeiçoando a morte.

Cousa singular! A longos periodos de distancia estão, com poucas differenças, os descendentes das mesmas raças, transformados pela acção dos tempos, em frente uns dos outros, levados d'uma e d'outra parte pelo mesmo duplo espirito!

Lança os olhos, no promontorio do Chersoneso Taurico, á gigantesca ossada da torre dos mercadores de Genova. Não lhe sentis nas ameias, alta noite, como o ecco do antigo genio commercial, com a bolsa de Syllok n'uma das mãos e o pavilhão dos Dorias na outra? Atravessa com a imaginação o golpho; aponta na plaga fronteira á terra da Asia; procura a veneranda Antiochia. Não vos diz ella as glorias da conquista, com a cruz de Pedro ao peito e a espada de Godofredo em punho?

Volvei agora á moderna Krimea. Ah! tendes um mappa de Malte Brun ou Bineteau. Que vos estão mostrando Balaklava e o seu caminho de ferro? Sebastopole e os seus bastiões em ruínas? a montanha do norte toda vestida de escarpas e canhoneiras ameaçadoras como de uma colta de malhas immensa?

Mostram-vos o mesmo ainda, — o commercio e a conquista, que se fundem n'um só instincto nativo, a avides da possessão.

II

É o commercio, é a conquista como no tempo de Carthago e Roma, como no tempo da Venesa dos Dez, e da Jerusalem do Tasso. É a conquista e o commercio, origem de todas as grandes luctas, de todas as descobertas transcendentes, e de todas as metamorphoses sociaes. É a conquista que preparou o christianismo; é o commercio que abriu novos mundos, illustrando em todos elles o nome portuguez, desde o Cabo das Tormentas até ao Estreito de Magalhães. É o ferro e o ouro, inevitaveis agentes do progresso humano, o ferro purificando, o ouro corrompendo, na razão inversa da sua natureza! É o germen eterno de tudo o que é sordido, ignobil, e miserimo, e tambem de tudo o que é grandioso nas catastrophes e nos progressos, segundo a escalla em que se manifesta! A humanidade muda de phrasé; mas não muda de essencia!

Deixemos agora estes intermundios e abstracções da philosophia, que estão muito longe dos nossos Zuavos e nos fariam de certo perdê-los de vista; e, sem mais meditações altoquas, mal cabidas aqui, humanisemo-nos baixando ao tom singello e chão de historiographos modestos.

Preferis a forma narrativa? daes mais apreço á descripção dialogada que se anima e toma vida com a acção? Buscaremos dar-vos de tudo; descançae. Haverá para todos os paladares; e, sem mais preambulos, dir-vos-hemos unicamente que procurámos as nossas informações nas fontes mais authorisadas.

II

Antes de tudo, d'onde vem este nome de Zuavo? Não se acha a sua ethymologia nas linguas da Europa, a menos que não seja, por assonancia, derivada do nosso plebeo *azoar*, pois que tanto tem azoado os descendentes d'aquelles rudes kosares do Borysthenes, que tiveram por chronista imperial o grego Miguel Porphyrogénetta, historiador coroado. Se o cossaco moderno pudesse improvisar-se sabedor do portuguez, por alguma prodigiosa formula cabalistica, veriam como applaudia o achado de tal raiz. Desgraçadamente para a celebridade nacional, os portentos da sciencia improvisada, mirificos e redundantes na taboleta dos annuncios para os pascasios, naufragam nos ensaios serios, e poucas esperanças podemos nutrir de ver um verbo da nossa lavra glorificado a este ponto por um filho de Ukraina, que permanecerá sepultado na ignorancia crassa, seu antigo apanagio, por não pegarem os unguentos milagrosos, ou por não ter á mão um d'estes soturnos e bojudos atamancadores *de omni re scibili, et quibusdam aliis*, que ensaboam o cérebro n'um sancti-amen, limpam-lhe as nodoas e mataduras n'um relance, e fazem um barão de Humboldt d'um camponio da Lourinhã em quanto o demo esfrega um olho. A fallar a verdade, pena é que a philologia perca uma these tão curiosa, e que tanto devia de illustrar os annaes da patria linguistica, expondo um *infinito activo* de ca — *rara avis!* — á boçal admiração das raças hyperboreas. Visto porem haver poucas apparencias de converter, ao menos proxima-mente, o minimo grupo de Samoyedes ao culto da lingua de Sá de Miranda e Nicolau Tolentino, desistiremos d'estas gloriosas esperanças, pedindo a Deus que mande quanto antes até ás alturas de Batchi-Serai algum bemfeitor de mortaes (grandes e pequenos), d'estes que d'um dia para o outro ensinam um systema de astronomia completo a um aprendiz de latoeiro, e mettem a esphera armillar nos cascos a um hospede do dr. Pulido. Se a Pro-

videncia tal permittir, veremos brevemente os cossacos, es-quecidos do russo em 15 dias, vociferarem por todas as ribas e vãos do Beg, do Don, e do Dniester, que Zuavo não pode vir effectivamente senão de azoar, e que os maldictos que tal nome teem bem o merecem.

Em quanto não chega essa epoca apeteccida, que fará accordar com um simples verbo, e não dos mais senhores, os adormecidos eccos do nosso nome, levando-o até aos gellos do Polo; em quanto não chega, dizemos, esse dia de renascimento, devido ao zello d'um novo apostolo e ás virtudes especificas d'um vulnerario mental, consolemo-nos com a esperança de dar uma idéa ethymologica, menos famosa para nós, mas com mais visos de ser recebida e accreditada.

Continúa.

MENDES LEAL JUNIOR.

A COLLECCÃO INTITULADA GESTA ROMANORUM.

Os escriptores do seculo XII são pela maior parte theologos.

Dominados pelo espirito do seu tempo, encontram em todos os assumptos um ensino dos deveres do homem ou dos mysterios da religião.

Moralisam ou symbolisam todos os phenomenos do mundo physico, as propriedades das plantas, as leis que presidem aos movimentos dos planetas, as regras da arte de construir, as differentes partes do corpo humano e todos os objectos que lhes possam suggerir ou suscitar uma indicação moral ou um exemplo sob a apparencia de qualquer symbolo.

Os auctores d'este seculo applicam o mesmo systema de interpretação a todas as tradições, falsas ou verdadeiras, transmittidas pela credulidade dos povos, sustentadas pela autoridade dos seculos ou imaginadas pelos vãos ardentes da phantasia poetica.

Outros contos maravilhosos, outras ficções que, por esse tempo se diffundiram do Oriente como ondas de luz, se misturaram com as lendas monasticas, com as anecdotas populares e com as narrativas tradicionaes.

D'esta sorte, os factos se transformam, os nomes se transpõem ou invertem, ou alteram, e o theatro dos acontecimentos muda de aspecto, e mesmo de indole e intuitos.

Todavia, no meio d'esta confusão, d'esta inversão quasi completa na maneira de conceber e explicar taes fabulas e tradições, que as crenças, a superstição, as uzanças, as tendencias, as aspirações intimas e as ideas mysticas d'estes diversos povos, obedecendo ao impulso de differentes civilizações, converteram em indicações de exemplos moraes e mythos religiosos; no meio d'esta confusão prodigiosa, repetimos, de lembranças e invenções do passado, uma regra domina absolutamente: no fundo de tudo apparece sempre o mesmo symbolo — a moralidade.

Os monges do seculo XIII, como é sabido, faziam consistir em grande parte a sua instrução n'estas historias symbolisadas. Levados deste pensamento fixo muitos d'elles faziam colleções de toda a especie de narrativas, de lendas e tradições populares, e as escreviam em latim, segundo o uzo da epocha.

Existe um numero consideravel de manuscritos deste genero, que datam principalmente dos seculos XIII e XIV.

Na antiga livraria de Alcobaça havia preciosos monumentos, onde se achavam colligidas muitas d'estas pias crenças, que a superstição dos dois povos da Peninsula creara, e que o espirito religioso dos monges, a phantasia dos trovadores populares, ou o respeito exagerado por esta especie do culto que todas as nações prestam ao seu passado, torna como outras tantas fontes de singela e nativa poesia.

Na livraria de Jesus, hoje pertencente á Academia Real das Sciencias, tambem existiam algumas destas compilações.

Mas que é d'ellas?

Não se sabe.

O fogo que Omar deitou á bibliotheca de Alexandria, não é um acontecimento isolado da historia, é um mytho. Representa a ignorancia barbara destruindo os monumentos que a illustração edificára atravez dos tempos. É um facto que infelizmente tem tido uma reprodução constante.

Esse fogo, quasi sempre ateado pelo sópro das revoluções, lavrou tambem n'este desgraçado paiz ao sabor do vento das discordias intestinas.

As nossas bibliothecas não foram verdadeiramente incendiadas, mas invadiram-nas a ambição, a cobiça, e a ignorancia principalmente, a peor de todas as cobiças e ambições, porque empolga como ellas, mas não para arrecadar, porém para destruir.

Do que existia pouco ficou intacto, pouco foi poupado por essa rasa dos hunos das riquezas das nações.

Não acordemos todavia essas miserias, que muitas dellas o tempo já esconde, e passemos adiante.

Estas compilações teem todas por fim o ensino religioso. Podem-se citar, como as mais notaveis, as que se intitulam *Promptuarium exemplorum*, *Summa predicantium*, *Repertorium morale* de Pedro Berchorius ou Berthorius, e o *Gesta Romanorum*.

Particularisaremos unicamente esta ultima, que diffe-

re a muitos respeito das outras, e que muitos criticos consideram antes como um livro de imaginação destinado á alta sociedade com o fim de contrabalançar a influencia dos romances.

Parece provavel que o auctor do *Gesta Romanorum* (factos dos romanos) viveu ahí pelo seculo XIV. Ha quem supponha que foi Pedro Berthorius, mas sem fundamento sufficiente. Tambem n'uma analyse que vimos d'estas collecções, attribue-se esta de que tractamos a Helinaud e a Gerard de Leuw, livreiro de Anvers, mas não adduzem provas que conduzam a crer esta affirmativa. Em todo o caso, esta questão, para o fim a que nos propozemos, é de pouca monta. Esta compilação, como quasi todas as da idade media, reproduz o espirito da epoca em muitas das suas crenças e tendencias, sem que apresente os lineamentos característicos da individualidade do escriptor.

O *Gesta Romanorum* differe notavelmente de quasi todos os manuscriptos, segundo affirma um critico allemão, versado neste genero de antiguidades litterarias.

Roberto Guaguin traduziu-o em francez. A edição porém é rara.

Todas as historias de que se compõe esta curiosa obra, não são extraídas, como o titulo parece indicar, da historia romana. Encontram-se ahí, alem de fabulas orientaes e gregas, contos tirados da *Disciplina clericalis* de Pedro Alfonso, narrações, lendas de santos, excerptos do Jacques de Voragine, e outras muitas novellas já popularizadas nos seculos precedentes.

Vamos dar aqui a traducção de duas d'estas passagens, que dão uma verdadeira idéa d'esta obra.

A VACCA DOS CORNOS DE OURO.

(É A FABULA DE ARGUS.)

Havia um certo senhor que tinha uma vacca branca que estimava perdidamente por duas razões: uma, porque ella era branca; e a outra por que lhe dava muito leite. E vai então como elle a amava quiz que se lhe fizessem dois cornos de ouro. Depois d'isso perguntou a si mesmo a que homem poderia elle confiar a guarda da sua vacca?

Ora nesse tempo existia um certo homem, por nome Argus, que era fiel em todas as cousas, e que via por cem olhos.

Isto obrigou o senhor a enviar um mensageiro a Argus, para que elle houvesse de vir á sua presença sem delongas. E quando Argus veio, o senhor lhe disse: — Dou-te a guardar a minha vacca dos cornos de ouro; e se tu a guardares bem, recompensar-te-hei, fazendo-te senhor de grandes riquezas, mas se lhe roubarem os seus cornos de ouro, tu morrerás.

E Argus se retirou com a vacca dos cornos de ouro e se conservou sempre ao pé d'ella.

E logo ao alvorecer a conduzia a pastar, e a guardava com toda a vigilancia, e voltava com ella á noute.

Mas havia um homem má e astucioso, chamado Mercurio, mui para ouvir na arte da musica, que desejava com todas as ancias de sua alma possuir a vacca: e vinha repetidas vezes travar praticas com Argus, procurando tentá-lo, ora com as boas palavras e os enlevos da amisade, ora offerecendo-lhe diaheiro em grande copia, para obter os cornos de ouro.

Argus porém, cravou na terra o bordão de pastor que empunhava, e endereçando-lhe a palavra, como se fosse a seu senhor, se exprimiu n'estes termos: — Bom; tu és meu senhor: esta noite vou eu ao teu palacio. Assim que me vês, dizes-me tu: — Onde está a vacca dos cornos de ouro? Eu respondo-te: — Olha, a vacca já não tem cornos, porque um certo ladrão veio em quanto eu dormia e roubou os cornos: — Mas tu respondes-me: — Ó desgraçado! então para que tens tu cem olhos? Como é possível que todos os teus olhos estivessem adormecidos ao mesmo tempo, e o ladrão roubasse os cornos? O que tu dizes é uma mentira!... E depois a minha morte é inevitavel. Se eu digo ao Senhor: — Eu vendi os cornos, o perigo será o mesmo.

Depois deste colloquio, Argus disse a Mercurio: — Vae-te, porque tu não conseguirás nada de mim.

E Mercurio se retirou, mas, no dia seguinte voltou com os seus instrumentos de musica; e, á maneira dos jograes elle começou de narrar historias e a todos os momentos a cantar na presença de Argus, com tal atractivo de voz e melodia que dois dos olhos de Argus principiaram a cerrar-se, e como elle continuava a cantar outros dois olhos se fecharam, e assim desta fórma foi acontecendo o mesmo aos outros olhos até que todos adormeceram. E tanto que Mercurio viu isto, cortou a cabeça a Argus e roubou a vacca dos cornos de ouro.

Interpretação moral. — O dono da vacca branca é Jesus Christo; a vacca branca é a nossa alma; Argus é a Igreja, que tem por dever guardá-la; e Mercurio é o diaho, incansavel em procurar os meios de a perder.

DEDICAÇÃO DE UM ROMANO.

Aconteceu que uma vez, n'um certo lugar situado no meio de Roma, a terra se abriu, deixando ver uma boca que parecia querer devorar tudo. Consultaram-se os deuses, que responderam: — « Esse abysmo não se fechará senão quando um cidadão se precipitar dentro, por sua propria vontade. » Mas ninguém se offerecia para este sa-

crificio, quando Marco-Aurelio disse: — « Se me concedeis a liberdade de poder viver como eu o appetecer no decurso de um anno, consentirei voluntariamente e com satisfação, no fim desse anno, em me precipitar no abysmo. » Os romanos, ouvindo isto, ficaram-se muito satisfeitos, e concederam a Marco-Aurelio tudo o que elle desejava. Nada do que podesse appetecer-lhe foi recusado.

Então elle fez tudo que a imaginação lhe pedia: gastou das riquezas dos cidadãos; dispoz de todos os bens que havia na cidade; e, quando o anno chegou ao cabo, montou n'um soberbo cavallo, correu para o logar do precipicio e se arremessou a elle, o qual se fechou para logo.

É realmente de estranhar o ser neste episodio da historia romana o nome do sabio Marco-Aurelio que substitue de uma maneira tão singular o de Curcio; a condição de sacrificio não é menos extraordinaria. Mas a explicação moral, em que Jesus Christo toma o logar do heroe romano, completa a singularidade deste quadro extravagante. Vejamos o que diz a explicação, como se acha no *Gesta*.

Interpretação moral. — Roma significa o mundo: o abysmo aberto é o inferno que está no meio. Antes do nascimento do Salvador uma grande multidão de homens caía naquella voragem. Veiu ao mundo o Salvador e desceu até ao inferno: o abysmo fechou a enorme bocca, e não se tornará a abrir, senão quando nós instarmos para isso, com o excesso de nossos peccados.

Outros muitos contos symbolicos, extraídos de varios trechos e epochas da historia antiga, encerra esta collecção. Fora porem fastidioso ennumerar-os ou trazel-os para aqui. Transcrevemos estes para dar idéa de um genero litterario, ignorado por muitos, que aliás tem grande merito na sua singeleza primitiva, e na especie de cor local e feições proprias que lhe dão a ingenuidade do estylo em que é geralmente escripto.

Thomaz Wright, auctor de um excellente ensaio de litteratura, superstições, e crenças populares da Inglaterra na idade-media, obra que nos suscitou este artigo, no prologo exprime o desejo de ver apparecer uma nova edição do *Gesta Romanorum*, afim de mais se vulgarisar e diffundir. « Esta collecção, diz elle, exerceu uma grande influencia na litteratura ingleza, ainda mesmo até ao seculo XVII; e póde-se dizer que fórma um dos anneis mais preciosos na cadeia das historias populares que se teem transmittido de idade em idade. » Ajunta que esta obra, posto que cheia de futilidades e absurdos historicos, é um vasto e abundante thema de estudo e variadissimo interesse, por ser a expressão natural e fiel da civilização da idade-media.

As historias classicas ahí representam já os elementos alterados, que são como os fundamentos da sociedade nova. A sua forma gothica prova a influencia do espirito da raça germanica, que tinha de alguma sorte sobrevivido.

As legendas monacaes, os excerptos dos martyrologios e as lendas de santos, apenas auctorizadas pela tradição popular, attestam os esforços da Igreja para extrair de todas as cousas um ensino dogmatico. E assim as bellas fabulas orientaes testemunham a transmissão de idéas e tendencias, que havia começado a unir a Asia á Europa, em consequencia das incursões dos sarracenos.

ANDRADE FERREIRA.

CHRONICA SEMANAL.

Esta semana foi fertil de acontecimentos notaveis, começando pela cerimonia da investidura da insigne ordem do Tosão d'ouro, concedida por s. magestade a rainha Izabel, ao marechal duque de Saldanha, que foi celebrada com toda a pompa no Paço das Necessidades, assistindo a este acto todos os grãos cruces das outras ordens de Hespanha e os grãos cruces militares de Portugal, os ministros de estado e os officiaes da casa real.

Transcreveremos o que diz sobre a origem d'esta ordem o nosso collega chronista da *Patria*, um dos homens mais versado em coisas de archeologias e cuja authoridade, é para nós de bastante valor.

« Esta ordem recorda a Portugal uma das epochas mais gloriosas da sua historia.

Filippe o Bom III conde de Flandres e duque de Bolonha pediu e obteve por esposa a infanta D. Izabel, filha de Elrei D. João I.

Para celebrar este consorcio instituiu o duque esta ordem, dando-lhe por insignia um cordeiro com pelle ou vello de ouro, pendente d'um Collar tambem d'ouro esmaltado, similhando fuzis, intermeados de pederneiras, lançando chammas de fogo com esta letra; *Ante fevet quam flamma micel*. E na chapa que suspende o cordeiro este moto: *Prelium non vile Saborum*, divisa esta que parece fóra traduzida por Camões, n'aquelle seu tão citado verso, que infelizmente não a muitos se poderá hoje applicar.

Porque razão o duque de Borgonha pondo esta ordem sob a protecção da Virgem Maria, e Santo André, tomou por insignia uma figura da fabula, eis o que ainda nenhum heraldico nos soube explicar sendo elles tam fortes em explicações symbolicas.

O certo é, que o Tosão d'Ouro é a representação d'aquella patranhosa viagem que Jasão, e os argonautas fizeram a Colchos, para tosquiarem o aureo borrego. Teve a ordem na sua instituição o limitado numero de vinte e quatro cavalleiros, e foi depois elevado a trinta e um. Hoje julgamos que não ha limitação, nem na Austria nem na Hespanha, cujos soberanos são os que conferem esta ordem.»

Na segunda feira pelas dez horas da manhan S. Magestade Elrei D. Fernando, depois de ter recebido os cumprimentos de despedida que lhe foram tributar as pessoas da Corte, os altos dignitarios do Estado, as deputações das Camaras legislativas e da municipal, assim como da officialidade do exercito e da armada, embarcou para bordo do Vapor de guerra *Mindello* acompanhado dos seus augustos Filhos, Elrei e o Infante D. Luiz, O Vapor levantou ferro, sendo seguido pelos barcos *Conde do Tojal*, *D. Fernando* e *Infante D. Luiz*; os quaes levaram a seu bordo numerosas pessoas que foram ao bota-fóra até entre torres.

A saudade manifestava-se em todos os semblantes. S. Magestade Elrei soube vencer e suffocar a dor que, intimamente sentia, mas o Infante D. Luiz succumbio ao signal da partida, e as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos, não podendo já comprimir-as no coração.

O destino do Real Viajante é segundo dizem visitar na sua residencia de Sevilha os Duques de Montpensier.

Não páram ainda aqui os successos solemnes da semana; oiça o leitor primeiro a narraçáo do facto que produziu o ultimo.

Quando naufragou a Escuna Ingleza *Primerose*, proximo da Torre do Bugio, um soldado de artilheria da guarnição da mesma torre commetteu um destes actos de heroismo, que assombra os mais destemidos.

Vendo a Escuna desfeita e a tripulação perdida, atirou consigo ao mar preso a uma corda e levando um cabo na bocca, nadou até perto da escuna e passando o cabo á tripulação, conseguiu salvá-la, tendo por unico auxilio o patrão de uma falúa.

O temporal rugia medonho, as vagas erguiam-se gigantescas, o perigo era eminente, mas o soldado não vacillou um momento, affrontou tudo com uma coragem, um sangue frio e uma dedicação admiraveis, livrando afinal d'uma morte infallivel os infelizes naufragos.

S. M. Elrei D. Pedro V, quando desembarcou no Arsenal, onde estava formado o destacamento do primeiro regimento de artilheria, a que pertence o soldado, mandou-o sahir á frente, e recebendo do Marechal duque de Saldanha a insignia da nobre ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito, pregou-a por suas regias mãos no peito do corajoso soldado, dando assim um publico testemunho do apreço que lhe mereceu similhante acto de valor, querendo ser o proprio a recompensá-lo.

É assim que os reis a si mesmo se ennobrecem, ennobrecendo os que praticam acções verdadeiramente heroicas; é assim que elles criam estimulos para os grandes commettimentos, em que ficam assignaladas igualmente as glorias do seu povo e do seu reinado.

Os expectadores do theatro lyrico tem desertado insensivelmente, restando apenas meia duzia de *dilletantis* teimosos ou surdos, — unico symptoma que justifica a sua tenacidade, — e os assignantes.

Noutro tempo não haviam aquelles doirados deslumbrantes, aquelles *fauteuils* tão commodos, aquellas pinturas esmeradas e allegoricas, aquelle lustre fulgurante de luzes e christaes, aquella harmonia de luxo, mas em compensação ouvia-se uma Stoltz na *Favorita* e *Semiramide*, uma Sannazaro na *Sapho* e *Nina*, uma Castellan na *Somnambula* e *Trovador*, uma Albani na *Anna Bolena* e *Filha do Regimento*, vozes todas ellas privilegiadas, talentos musicaes e artisticos de primeira ordem. Que saudades nos deixáram e como estes empregarios souberam aggravar-as ainda mais com a acquisição de cantores, que só guincham e berram!

Refornaram e melhoraram os accessorios reduzindo á ultima miseria a parte principal. Aquellas musas no panno de bocca são um verdadeiro epigramma, ou collocaram-as ali de proposito para se sumirem logo que aquelle sobe. Antigamente ia-se ao theatro de S. Carlos ouvir — hoje vai-se ver. O espectáculo mudou-se do palco para a sala, guarneceram esta e inutilisaram aquelle.

Melpomene acha-se representada só pelo Bartholini — apesar das barbas e do sexo; — se não fosse a voz portentosa e vibrante do eximio cantor, ninguém hoje reconheceria ali o dominio daquella musa. Para o afirmar ahí está a ultima opera que subiu á scena em seu beneficio, o *Furioso*, que foi unicamente sustentado pelo distincto barytono. Bartholini comprehendeu e cantou a sua difficil parte, como verdadeiro artista. Todas as transições foram reveladas com talento, imprimindo-lhe simultaneamente expressão, sentimento e bravura. Os applausos e os bravos foram unanimes.

Alphonse Karr n'um interessante livro que ultimamente publicou intitulado *Les Femmes* quando falla da sua presença no theatro, exprime-se d'esta fórma: « O interesse que as conduz ao theatro, não é o mesmo que ali as levava n'outro tempo. Para avançar isto escutei em diversos theatros a conversação das minhas vizinhas. Quando se representa *Bérénice* ou *Clytemnestre*, talvez julguem que as nossas elegantes se occupam de saber, se — Titus abandonará *Bérénice*? — ou se, — Orestes matará sua mãe? »

De forma alguma. Desejam saber e perguntam quem

deu aquelle rico bracelete a mlle. Rachel; fallam a respeito do novo *coupé* de mlle. Judith; e se alguma elegante chora ainda ouvindo uma tragedia, é de pezar de não ter o bracelete, é de inveja pelo *coupé*, e é de enfado do seu officio de elegante.»

No nosso theatro francez tem alguma applicação estas observações do sarcastico escriptor.

A differença é que as invejas e os ciúmes são mais de camarote para camarote do que para o palco. Analisam-se porem, igualmente as *toilettes*, commentam-se os escandalos, discutem-se as inclinações, e não se presta a menor attenção ao que se representa.

Mas o que na nossa opinião explica perfeitamente esta indifferença ao que se passa na scena, é que a nossa elegante vai áquelle theatro para ser vista e não para vêr.

As comédias desempenhadas ali esta semana, não offereceram novidade; Eram já conhecidas. *On demande un gouverneur*, é uma linda comedia que hade sempre agradar, e foi muito bem interpretada por Luguet e Minne. *L'Image*, apesar da frieza da sua acção e do pouco interesse que desperta, mlle. Roqueville soube dar tal relevo ao seu papel, que conquistou os applausos do publico.

O que nos admira devéras, é que a direcção do theatro francez desde a partida de mlle. Fontenelle, ainda não pôz em scena uma Comedia ou drama de força para a actual actriz. Exgotou-se por acaso o repertorio em cinco ou seis peças que foram representadas? Apareciam papeis importantes para mlle. Fontenelle, e não os ha para mlle. Roqueville? Não manifestou sempre o publico preferencia para esta ultima e não lhe dá todas as noites provas de verdadeira sympathia?

Realmente não percebemos o interesse que pode haver em privar os espectadores daquelle theatro, de admirarem o talento de mlle. Roqueville, que é incontestavelmente o primeiro da companhia, para a trazerem sempre sacrificada em papeis secundarios. Segredos de bastidor. Já não entramos nós.

Ch. Lemaitre escolheu para o seu beneficio *L'eclat de rire* e está em ensaios. Já tivemos gargalhada em portuguez, gargalhada em brazileiro, faltava só em francez. *Écola!* Qual das tres vencerá na lucta? Veremos.

Todos tem ouvido elogiar a linda colleção de passarinhos adestrados por mlle. Vandermeersh, e a narração dos exercicios d'este aligero bando tem despertado geral curiosidade. Chegou afinal a occasião de ser satisfeita. Mlle. Vandermeersh no dia 24 em seu beneficio apresentará a sua notavel companhia no salão de S. Carlos, preenchendo o resto da noite com um concerto em que tomarão parte os Srs. Bartholini, Saint-Leon e mais alguns artistas.

Já tivemos o prazer de admirar estas aves curiosissimas, e confessamos que ficamos surprehendidos do que lhe vimos fazer. São maravilhosas! É que os seus exer-

cícios não se limitam á execução de qualquer acção mechanica que se lhe ordene, parece que á voz da sua mestra executam igualmente funcções do espirito, e que poem em pratica difficuldades que nada tem de materiaes.

Cardinal responde exactamente quantos são os dias do anno, qual o numero dos mezes, qual o dia da semana; *Orix* advinha a carta que tiraste d'um baralho. *Verdier* executa todas as sommas e subtracções que se lhe apresentam, *Corail* é poeta e recita o Couplet final.

Jules Janin é que nos parece ter explicado nos seguintes versos este enigma que ainda ninguem poude decifrar:

Les oiseaux sont á la jeune-fille,
La jeune-fille est... aux oiseaux!

ERNESTO BIESTER.

ILLUMINAÇÃO DO PALACIO DO CONSUL BRAZILEIRO EM MACAU NO FESTEJO PELA EXALTAÇÃO DE S. M. D. PEDRO V AO THRONO.

No dia 26 de Dezembro ultimo tendo chegado pouco antes a Macau a noticia da aclamação de S. M. El-rei D. Pedro V., ora felizmente reinante, a cidade do Nome de Deus quiz festejar-a com todas as demonstrações de alegria. Nessas remotas regiões os portuguezes timbram nos testemunhos de lealdade, e não cedem á máepatria em respeito e amor aos seus soberanos. Depois do acto da aclamação cantou-se *Te Deum* solemne na sé, officinando o bispo; deram-se as salvas e praticaram-se todas as cerimonias do estylo, que os jornaes politicos referiram.

Á noite a illuminação foi esplendida; a folha franceza donde copiamos a nossa estampa diz assim: — Até os Chinas quizeram rivalisar com os portuguezes fazendo ao seu modo fogos de artificio *dramaticos* e pavilhões alumados por diferentes cores; e de facto, depois da supressão do mandarim de Macau, os Chinas d'esta cidade podem considerar-se subditos de S. M. Fidelissima. Porem de todos os edificios o que se distinguiu mais pela riqueza e bom gosto das decorações foi a residencia do barão do Cereal, consul geral do Brazil: mais de tres mil lumes estavam habilmente collocados segundo um desenho que o filho do barão fizera imitando o que no genero tinha visto de mais perfeito.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.—RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, re-

digido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 16.º n.º do 13.º vol., 5.º da presente serie.

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. 480

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo auctor.

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.º fr. 200

ADDIÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º fr. 200

POESIAS, de L. A. Palmeirim. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. 600

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior. 1 vol. 8.º fr. 480

O HOMEM DE OURO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito 1 vol. 8.º fr. 300

A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. 320

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça. 1. vol. 8.º fr. br. 720

MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão. 2.ª edição. 2 vol. 8.º fr. 1\$200

A REDEMPÇÃO, comedia drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introdução pelo sr. Mendes Leal Junior. 1 vol. oit. fr. rs. 360

NATUREZA DAS COUSAS, poema de T. Lucrecio Caro, trad. do Dr. Lima Leitão. 2 vol. 8.º brox. 800

POESIAS DE M. M. Barbosa de Bocage, edição completa em 6 volumes de 8.º fr. 4\$320

A HERANÇA DO CHANCELLER, comedia em 3 actos, e em verso, por J. S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º francez br. 400

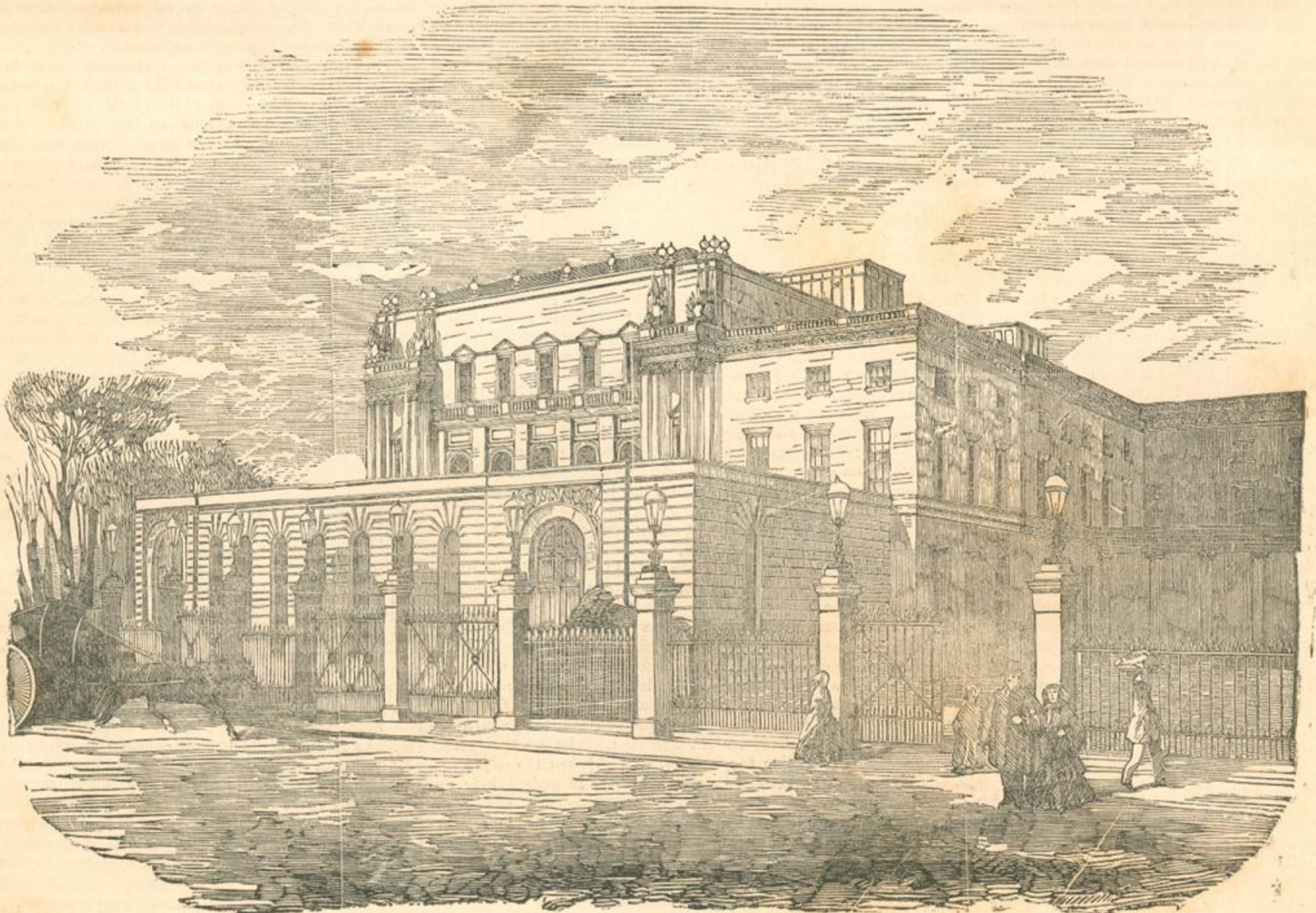
OTHELLO, ou o MOURO DE VENEZA, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, um vol. rs. 300

A MOCIDADE DE D. JOÃO V., comedia drama e 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 480

No Prêlo:

POESIAS de J. S. Mendes Leal. 1 vol. 8.º fr.
DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º fr.

Typ. do PANORAMA — Travessa da Victoria, n.º 52



Exterior da nova salla do palacio de Buckingham.